



*Ela se levantou e foi embora
Ela se levantou e foi embora.
Será que não deveria? Não deveria o quê?
Ter se levantado e ido embora.*

*Sim, acho que deveria
Porque estava ficando mais escuro.*

*Estava o quê? Ficando mais escuro. Bem,
Ainda restava um pouco
De dia quando ela foi embora, enfim,
O suficiente para ver o caminho.
E era a última vez que ela teria conseguido...
Conseguido?... se levantar e ir embora.
Era a última vez a última mesmo porque
Depois disso ela não poderia mais
Ter se levantado e ido embora.*

Stevie Smith, “Ela se levantou e foi embora”

Mérito

Autora

Créditos

O homem ao meu lado no avião era tão alto que não cabia na poltrona. Seus cotovelos escapavam por cima dos descansos de braço e os joelhos estavam prensados contra a poltrona da frente, fazendo a pessoa sentada nela olhar para trás irritada toda vez que ele se mexia. O homem se contorceu, tentando cruzar e descruzar as pernas, e sem querer chutou a pessoa à sua direita.

“Desculpe”, falou.

Passou alguns minutos sentado sem se mexer, respirando profundamente pelas narinas com as mãos fechadas no colo com força, mas em pouco tempo ficou inquieto e voltou a tentar mexer as pernas, fazendo a fila inteira de poltronas na sua frente sacudir para a frente e para trás. Acabei perguntando se ele queria trocar de lugar, já que a minha poltrona ficava no corredor, e ele aceitou efusivamente, como se eu tivesse lhe oferecido uma oportunidade de negócios.

“Em geral viajo de executiva”, explicou enquanto nos levantávamos e trocávamos de lugar. “Tem bem mais espaço para as pernas.”

Ele se esticou no corredor e apoiou a cabeça no encosto da poltrona, aliviado.

“Muito obrigado”, falou.

O avião começou a avançar pela pista devagar. Meu vizinho deu um suspiro satisfeito e pareceu pegar no sono quase no mesmo instante. Uma aeromoça chegou pelo corredor e parou em frente às pernas dele.

“Senhor?”, disse ela. “Senhor?”

Ele acordou sobressaltado e tornou a se encolher desajeitadamente no espaço exíguo à frente para ela poder passar. O avião parou por alguns minutos, então avançou, então tornou a parar. Pela janela dava para ver uma fila de aviões esperando a vez. A cabeça do homem começou a pender, e logo

suas pernas estavam outra vez esticadas no corredor. A aeromoça voltou.

“Senhor?”, disse ela. “O corredor precisa ficar desimpedido para a decolagem.”

Ele endireitou as costas.

“Desculpe”, falou.

Ela se afastou e aos poucos a cabeça dele começou a pender outra vez. Lá fora uma névoa pairava sobre a paisagem cinza e chapada e parecia se fundir com o céu nublado em faixas horizontais de variações tão sutis que quase se assemelhavam ao mar. Nas poltronas da frente, uma mulher e um homem conversavam. Que tristeza, disse ela, e o homem respondeu com um grunhido. É uma tristeza mesmo, repetiu ela. Barulhos de passos se fizeram ouvir no corredor acarpetado e a aeromoça reapareceu. Levou a mão ao ombro do meu vizinho e o sacudiu.

“Lamento, mas vou ter que pedir ao senhor para manter suas pernas fora do caminho”, disse ela.

“Desculpe”, disse o homem. “É que eu não estou conseguindo ficar acordado.”

“Vou ter que pedir para o senhor ficar”, disse ela.

“É que na verdade não dormi ontem”, disse ele.

“Lamento, mas isso não é problema meu”, disse ela. “O senhor está pondo os outros passageiros em risco ao obstruir o corredor.”

Ele esfregou o rosto e tornou a se ajeitar na poltrona. Pegou o celular, deu uma olhada nele e tornou a guardá-lo no bolso. A aeromoça aguardou, observando-o. Por fim, parecendo convencida de que ele tinha mesmo lhe obedecido, foi embora. Ele balançou a cabeça e fez um gesto de incompreensão como para uma plateia invisível. Estava na casa dos quarenta anos, tinha um rosto ao mesmo tempo bonito e comum e seu corpo alto estava vestido com a neutralidade limpa e bem passada a ferro das roupas de fim de semana de um executivo. No pulso usava um relógio de prata pesado e nos pés, sapatos de couro de aspecto novo; exalava um ar de masculinidade anônima e levemente provisória, como um soldado de uniforme. A essa

altura o avião tinha avançado pela fila com várias paradas e se virava lentamente num grande arco em direção à pista de decolagem. A névoa havia se transformado em chuva e gotas escorriam pelo lado de fora da janela. O homem olhava para o asfalto reluzente lá fora com uma expressão exausta. O estrondo das turbinas foi aumentando à nossa volta e o avião por fim acelerou para a frente e então se ergueu, inclinado e chacoalhando por entre camadas de nuvens volumosas e espessas. Durante algum tempo o tabuleiro verde opaco dos campos lá embaixo, com suas casas semelhantes a quadradinhos e seus grupos de árvores reunidas, voltou a aparecer por entre rasgos esporádicos no cinza antes que ele se fechasse por cima deles. O homem deu outro suspiro profundo e em poucos minutos tinha voltado a dormir, a cabeça caída para a frente, sobre o peito. As luzes da cabine se acenderam piscando e começaram os ruídos de atividade. Em pouco tempo a aeromoça estava na nossa fileira, onde o homem adormecido tinha mais uma vez esticado as pernas no corredor.

“Senhor?”, disse ela. “Com licença? Senhor?”

Ele levantou a cabeça e olhou em volta, atordoado. Ao ver a aeromoça ali em pé com seu carrinho, vagarosamente e com esforço encolheu as pernas para ela poder passar. Ela o observou com os lábios contraídos e as sobrancelhas arqueadas.

“Obrigada”, falou, com um sarcasmo que mal conseguiu disfarçar.

“Não é culpa minha”, disse ele.

Seus olhos maquiados pousaram nele por alguns instantes. Sua expressão era fria.

“Só estou tentando fazer o meu trabalho”, disse ela.

“Eu entendo”, disse ele. “Mas não é culpa minha as poltronas serem tão apertadas.”

Houve uma pausa durante a qual os dois se entreolharam.

“Isso o senhor vai ter que reclamar com a companhia aérea”, disse ela.

“Estou reclamando com a senhora”, disse ele.

Ela cruzou os braços e empinou o queixo.

“Em geral viajo de executiva”, disse ele, “então isso não costuma ser um problema.”

“Neste voo nós não oferecemos classe executiva”, disse ela. “Mas muitas outras empresas oferecem.”

“Então a sua sugestão é que eu voe com outra companhia”, disse ele.

“Exato”, disse ela.

“Maravilha”, disse ele. “Muito obrigado.”

Ele deu uma risada amarga que pareceu um latido para as costas dela que se afastavam. Por algum tempo continuou sorrindo constrangido, como alguém que acabou pisando no palco por engano, e então, pelo visto para disfarçar a sensação de estar exposto, virou-se para mim e perguntou o motivo da minha viagem à Europa.

Eu disse que era escritora e estava indo falar num festival literário.

Na mesma hora, seu rosto adquiriu uma expressão de interesse educado.

“Minha mulher é uma leitora voraz”, disse ele. “Ela faz parte de um daqueles clubes do livro.”

Um silêncio se fez.

“Que tipo de coisa a senhora escreve?”, perguntou depois de algum tempo.

Eu disse que era difícil explicar, e ele assentiu com a cabeça. Ficou tamborilando com os dedos nas coxas e batucando um ritmo desconexo com os sapatos no carpete do piso. Balançou a cabeça de um lado para outro e esfregou os dedos vigorosamente no couro cabeludo.

“Se eu não conversar”, disse ele por fim, “vou acabar dormindo outra vez.”

Disse isso de modo pragmático, como se estivesse acostumado a solucionar problemas às custas de um sentimento pessoal, mas quando me virei e olhei para ele fiquei surpresa ao ver uma expressão de súplica no seu rosto. Seus olhos tinham as bordas vermelhas e as escleras amareladas e os cabelos bem cortados estavam arrepiados no ponto em que ele os havia

esfregado.

“Parece que eles abaixam o nível de oxigênio na cabine antes da decolagem para deixar as pessoas com sono”, disse ele, “então na verdade não deveriam reclamar quando funciona. Eu tenho um amigo que pilota estes troços”, acrescentou. “Foi ele quem me contou.”

O mais estranho em relação a esse amigo, seguiu dizendo o homem, era que apesar da profissão ele era um ambientalista fanático. Dirigia um carro elétrico minúsculo e gerava toda a energia de casa com painéis solares e turbinas eólicas.

“Quando vai jantar na nossa casa”, disse ele, “o cara fica perto das latas de lixo reciclável quando todo mundo já está para lá de Bagdá, separando as embalagens de alimentos e os restos. Suas férias ideais”, disse ele, “consistem em carregar todas as suas coisas sozinho até o topo de uma montanha no País de Gales e ficar sentado dentro de uma barraca na chuva por quinze dias conversando com as ovelhas.”

Entretanto, esse mesmo homem regularmente vestia um uniforme e entrava no cockpit de um aparelho de cinquenta toneladas que cuspiam fumaça para transportar uma cabine inteira de bêbados em férias até as Ilhas Canárias. Era difícil pensar numa rota de voo pior, mas seu amigo estava nela havia anos. Ele trabalhava para uma companhia aérea de baixo custo que praticava as economias mais brutais e ao que parecia os passageiros se comportavam como animais de zoológico. Ele os levava brancos e os trazia de volta cor de laranja, e apesar de ganhar menos do que qualquer outra pessoa no seu círculo de amigos doava metade da sua renda para instituições de caridade.

“Mas o fato é que ele é um cara superbacana, de verdade”, disse o homem. “Eu o conheço há anos e é quase como se, quanto piores as coisas ficam, mais bacana ele se torna. Uma vez me contou”, disse ele, “que no cockpit eles têm uma tela em que podem ver o que está acontecendo na cabine. Disse que no início não conseguia suportar olhar para aquilo, porque era deprimente ver como aquelas pessoas se comportavam. Mas depois de um tempo ele começou a ficar meio obcecado nisso. Já

assistiu a centenas de horas dessas cenas. É meio como uma meditação, segundo ele. Mesmo assim”, disse o homem, “eu não conseguiria suportar trabalhar nesse mundo. A primeira coisa que fiz quando me aposentei foi picotar meu cartão de milhagem. Jurei nunca mais pisar num avião desses.”

Eu disse que ele parecia bem jovem para estar aposentado.

“Eu tinha uma planilha na minha área de trabalho chamada ‘Liberdade’”, disse ele com um sorriso de viés. “Eram basicamente colunas de números cuja soma precisava atingir um certo valor e quando isso acontecesse eu poderia parar.”

Ele tinha sido diretor de uma empresa multinacional, disse ele, emprego que o obrigava a viver longe de casa. Não era raro, por exemplo, visitar Ásia, América do Norte e Austrália no intervalo de duas semanas. Certa vez tinha ido até a África do Sul para uma reunião e pegado um avião de volta assim que a reunião acabara. Em várias ocasiões ele e a mulher tinham verificado onde ficava o meio do caminho entre suas respectivas localizações e se encontrado ali para umas férias. Uma vez, quando a filial da Australásia da sua empresa passou por uma crise e ele precisou ficar lá para resolver a situação, ficou três meses sem ver os filhos. Começara a trabalhar aos dezoito anos e agora tinha quarenta e seis e esperava ainda ter tempo suficiente para refazer todo o seu percurso profissional na direção contrária. Tinha uma casa na região de Cotswolds na qual mal pusera os pés e uma garagem inteira cheia de bicicletas, esquis e equipamentos esportivos que nunca tivera tempo de usar; tinha amigos e parentes a quem havia passado as duas décadas anteriores basicamente dizendo oi e tchau, uma vez que em geral estava ou indo viajar e precisava se preparar e ir para a cama cedo, ou então voltando exausto. Tinha lido em algum lugar sobre um método de punição medieval que consistia em confinar o prisioneiro num espaço especialmente projetado para impedi-lo de conseguir esticar completamente os membros em qualquer direção e, embora só de pensar nisso começasse a transpirar, esse era mais ou menos o resumo do modo como ele tinha vivido.

Perguntei se a sua libertação dessa prisão tinha feito jus ao título da sua planilha.

“Engraçado a senhora perguntar isso”, disse ele. “Desde que parei de trabalhar, constatei que vivo entrando em bate-bocas com os outros. Minha família reclama que, agora que estou em casa o tempo todo, vivo tentando controlá-los. Não chegaram a dizer”, acrescentou ele, “que prefeririam voltar ao jeito que as coisas eram antes. Mas sei que é isso que estão pensando.”

Ele não conseguia acreditar, por exemplo, em como sua família acordava tarde. Durante todos aqueles anos que passara saindo de casa antes do amanhecer, pensar em suas figuras adormecidas no escuro muitas vezes o fizera se sentir focado e protetor. Se ele tivesse percebido o quanto eles eram desocupados, talvez não tivesse sentido a mesma coisa. Às vezes precisava esperar até a hora do almoço para todos acordarem; tinha começado a entrar em seus quartos e abrir as cortinas, como seu pai costumava fazer quando ele era pequeno, e levava um susto com a hostilidade provocada por esse ato. Tentara organizar os horários das suas refeições — todos, ele havia descoberto, comiam alimentos diferentes em horários diferentes do dia — e instaurar uma rotina de exercícios e estava se esforçando muito para acreditar que a absoluta revolta que isso causava era uma prova da sua necessidade.

“Passo um tempão conversando com a faxineira”, disse ele. “Ela chega às oito. Diz que vem lidando com esses problemas há anos.”

Ele contou tudo isso num tom de confiança desconcertado e descontraído que deixou claro que seu objetivo ao dizer aquilo era entreter, não causar consternação. Um sorriso zombeteiro vivia ameaçando surgir em seus lábios, deixando entrever uma fileira retinha de dentes fortes e brancos. Ele fora ficando mais animado conforme falava e seu comportamento desesperado e atordado tinha se suavizado no semblante tranquilo do contador de histórias. Tive a impressão de que ele já havia contado aquelas histórias antes e gostava de contá-las, como se tivesse descoberto o poder e o prazer de reviver acontecimentos

cujo ferrão fora removido. O truque, constatei, era chegar perto o suficiente do que parecia ser a verdade sem permitir que aquilo que você de fato sentia em relação a ela retomasse o controle sobre você.

Perguntei-lhe como, considerando o que tinha jurado, ele estava agora de novo a bordo de um avião.

Ele sorriu, outra vez de modo um pouco descarado, e correu uma das mãos pelos finos cabelos castanhos.

“Minha filha vai tocar num festival de música lá”, falou. “Ela toca na orquestra da escola. Toca, ahn... ela toca oboé.”

Ele devia ter voado na véspera com a mulher e os filhos mas seu cachorro ficara doente e ele tivera que deixá-los viajar sem ele. Talvez aquilo soasse ridículo, mas o cachorro era provavelmente o membro mais importante da família. Ele tivera de passar a noite inteira em claro com ele, depois pegar o carro e ir direto para o aeroporto.

“Para ser bem sincero, eu não deveria ter dirigido”, disse ele numa voz baixa, pousando o cotovelo no descanso de braço entre nós. “Mal conseguia enxergar direito. Ficava passando por umas placas na estrada com as mesmas palavras escritas, passando e repassando sem parar, e comecei a pensar que elas tinham sido postas ali para mim. A senhora sabe de que placas estou falando... elas estão por toda parte. Levei séculos para entender o que eram. Cheguei a me perguntar”, disse ele com seu sorriso desconcertado, “se na verdade eu estava ficando maluco. Não entendia quem tinha escolhido aquelas placas, nem por quê. Elas pareciam estar se dirigindo a mim pessoalmente. É claro que eu acompanho as notícias”, disse ele, “mas estou meio defasado desde que parei de trabalhar.”

Falei que de fato a questão de sair ou ficar era uma pergunta que nós em geral nos fazíamos em privado, a ponto de ser quase possível dizer que ela constituía o âmago da determinação pessoal. Quem não conhecesse a situação política do nosso país poderia pensar que estava assistindo não às maquinações de uma democracia, mas à rendição final da consciência pessoal diante da esfera pública.

“O mais engraçado”, disse o homem, “é que eu senti que vinha fazendo essa pergunta a mim mesmo desde que me conheço por gente.”

Perguntei o que tinha acontecido com o cachorro.

Por alguns instantes ele pareceu confuso, como se não conseguisse recordar de que cachorro eu estava falando. Então franziu a testa, franziu os lábios e exalou um grande suspiro.

“É uma história meio comprida”, disse ele.

O cão — seu nome era Piloto — na verdade era bem velho, disse ele, embora só de olhar não desse para perceber. Ele e a mulher tinham pegado Piloto logo depois de se casarem. Haviam comprado sua casa no campo, disse ele, e era um lugar ideal para ter um cachorro. Piloto era um filhotinho, mas mesmo então já tinha umas patas enormes; eles sabiam que a raça podia ficar muito grande, mas nada os havia preparado para o tamanho extraordinário que Piloto acabou atingindo. Toda vez que pensavam que ele não tinha como ficar maior, ele crescia; às vezes era quase engraçado ver como fazia tudo à sua volta parecer desproporcionalmente pequeno, a casa, o carro e até mesmo eles dois.

“Eu sou particularmente alto”, disse o homem, “e tem horas que a gente fica de saco cheio de ser mais alto que todo mundo. Mas quando ficava ao lado de Piloto, eu me sentia normal.”

Como sua mulher estava grávida do primeiro filho deles, Piloto se tornou o seu projeto pessoal; na época ele não viajava tanto a trabalho e por vários meses passou a maior parte do seu tempo livre treinando o cachorro, passeando com ele pelas colinas e formando seu caráter. Nunca o mimava nem cedia a seus caprichos; exercitava-o com um rigor infalível e era comedido nas recompensas, e quando, ainda jovem, Piloto um dia perseguiu um rebanho de ovelhas, bateu nele com uma severidade e uma segurança que surpreenderam até a si mesmo. Acima de tudo, tomava cuidado com seu comportamento na frente de Piloto, praticamente como se o cachorro fosse humano, e de fato, ao atingir a maturidade, Piloto apresentava uma inteligência incomum, além de um latido feroz e um corpo

gigantesco e musculoso. Tratava a família com uma sensibilidade e consideração que os outros achavam francamente fora do normal, embora com o tempo eles próprios tivessem se acostumado com isso. Quando o filho havia adoecido gravemente de pneumonia no ano anterior, por exemplo, Piloto havia passado noite e dia sentado em frente à porta do quarto do menino e automaticamente ia chamá-los se a criança precisasse de alguma coisa. Mostrava-se sensível às crises depressivas periódicas de sua filha e chegava a imitá-las, e eles às vezes só as notavam porque Piloto tinha ficado apático e retraído. Se algum desconhecido entrava na casa, contudo, ele se transformava num cão de guarda absolutamente vigilante e implacável. As pessoas que não o conheciam morriam de medo dele, e com razão, pois ele as teria matado sem hesitar caso elas tivessem representado qualquer ameaça para os membros da família.

Foi quando Piloto estava com três ou quatro anos de idade, prosseguiu o homem, que ele conseguiu sua grande oportunidade na carreira e começou a passar longos períodos longe de casa e sentiu que podia ir sabendo que a família estaria segura durante as suas ausências. Às vezes, disse ele, quando estava viajando, pensava no cachorro e sentia-se quase mais próximo dele do que de qualquer outro ser vivo. Assim, não poderia tê-lo abandonado quando ele precisou, apesar do fato de que a filha seria a principal solista do concerto e tinha passado semanas ensaiando. A apresentação fazia parte de um festival internacional e a plateia seria grande; era uma oportunidade fantástica. Mesmo assim, Betsy não queria sair de perto de Piloto. Ele havia cortado um dobrado para convencê-la a ir; era como se ela não confiasse nele para cuidar do próprio cachorro.

Perguntei que peça ela iria tocar, e ele tornou a passar a mão pelos cabelos.

“Na verdade, não sei bem”, disse ele. “A mãe dela saberia, é lógico.”

Na realidade, ele não tinha se dado conta de que a filha tocava oboé tão bem, acrescentou. A menina tinha começado a fazer aulas quando estava com seis ou sete anos e, para ser franco, o

som sempre fora bem ruim, a ponto de ele precisar lhe pedir para tocar no quarto. O ruído estridente lhe dava nos nervos, particularmente depois de um voo longo. Muitas vezes ele ainda podia escutar o som esganiçado e penetrante através da porta fechada e se estivesse tentando dormir para se recuperar da diferença de fuso na verdade era bem irritante. Chegara a se perguntar uma ou duas vezes se ela fazia aquilo para persegui-lo, mas pelo visto ela ensaiava o mesmo tanto quando ele não estava lá. Às vezes ele chegava ao ponto de sugerir que talvez fosse mais saudável para ela ensaiar menos e fazer mais outras coisas, mas sua opinião fora recebida com um desdém comparável ao de suas tentativas de impor disciplina aos horários da família. E, para ser sincero, quando lhe perguntaram com o que ela deveria estar se ocupando, em sua opinião, tudo em que ele conseguia pensar eram os tipos de coisa que ele fazia na sua idade — socializar e ver televisão — e que por algum motivo considerava mais normais. Na opinião dele, quase nada em Betsy era normal. Por exemplo, ela sofria de insônia; que adolescente normal de catorze anos não consegue dormir? Em vez de jantar, ficava de pé na frente dos armários da cozinha levando punhados de cereal seco à boca direto da embalagem. Não saía nunca de casa, e como a mãe a levava de carro para todo lugar, raramente caminhava. Tinham lhe dito que, quando ele não estava, ela passeava com Piloto diariamente, mas como ele nunca havia testemunhado isso achava difícil de acreditar. Chegara ao ponto de ter começado a se perguntar como ela algum dia sairia de casa, e se eles talvez precisassem mantê-la ali para sempre, como alguma espécie de experimento fracassado.

Então, certa noite, Betsy estava tocando num concerto da escola e ele foi assistir junto com a mulher, e com todas as expectativas de se sentir secretamente entediado sentou-se imprensado numa pequena cadeira do auditório junto com os outros pais e mães. As luzes se acenderam e na frente da orquestra no palco surgiu uma menina que ele levou um tempão para reconhecer que era Betsy. Para começar, ela parecia bem mais velha; e havia outra coisa também, talvez o fato de ela não

parecer precisar dele ou culpá-lo pelo problema da sua existência, o que constituiu um alívio surpreendente. Uma vez tendo aceitado que era ela, o que ele sentiu foi um medo terrível, ameaçador. Teve certeza absoluta de que ela daria um vexame e apertou a mão da mulher, acreditando que ela sentisse o mesmo. O maestro chegou — homem com quem ele se preparou imediatamente para antipatizar, vestido com uma calça jeans preta e um suéter preto de gola rolê — e a orquestra começou a tocar, e em determinado momento Betsy começou a tocar também. O que ele reparou foi na atenção com que ela observava esse maestro e reagia ao seu mais ínfimo gesto, meneando a cabeça e levando o instrumento à boca sem piscar os grandes olhos. Jamais tinha julgado a filha capaz de tamanha silenciosa proeza de intimidade e obediência, ele que nem sequer conseguia convencê-la a comer seu cereal numa tigela. Somente depois de alguns minutos ele relacionou a ela de modo mais literal o som misterioso e sinuoso; já tinha se sentado em plateias suficientes para saber que aquela ali estava encantada, enfeitiçada, e só então conseguiu de fato ouvir. O que escutou fez seus olhos verterem lágrimas em tal quantidade que as pessoas começaram a se virar nas cadeiras para olhá-lo. Depois do concerto, Betsy disse que dava para vê-lo chorando lá do palco por causa da sua altura. Disse que tinha sido constrangedor.

Perguntei por que ele achava que tinha chorado e os cantos da sua boca se curvaram inesperadamente para baixo, levando-o a tentar escondê-la com a mão grande.

“Para ser sincero”, disse ele, “eu acho que sempre tive medo de haver algo errado com ela.”

Eu disse que a meu ver as pessoas muitas vezes achavam mais fácil pensar isso em relação aos filhos do que em relação a si próprias, e ele me olhou como se estivesse considerando essa teoria por alguns instantes antes de balançar a cabeça com firmeza.

Desde muito pequena, falou, Betsy tinha sido diferente das outras crianças — e não de um jeito positivo. Era

inacreditavelmente neurótica; quando eles iam à praia, por exemplo, não suportava a sensação da areia sob os pés, e eles tinham de carregá-la no colo por toda parte. Não suportava o som de determinadas palavras e gritava e tapava os ouvidos sempre que alguém as dizia. A lista de coisas que ela não comia e os motivos para isso era tão grande que era impossível acompanhá-la. Ela era alérgica a tudo e vivia sempre doente, além de, como ele já tinha dito, ser insone. Muitas vezes ele e a mulher acordavam no meio da noite e encontravam Betsy em pé ao lado de sua cama feito um fantasma, de camisola, olhando para eles. Conforme ela foi crescendo, o problema mais sério de todos tornou-se sua sensibilidade extraordinária ao que ela chamava de mentira, mas que na verdade era a sua percepção das convenções e padrões de fala normais das conversas adultas. Segundo ela, a maior parte do que as pessoas diziam era falso e insincero, e quando ele lhe perguntava como ela podia saber isso, ela respondia que dava para perceber pelo som. Como ele já dissera, até mesmo quando muito pequena o som de determinadas palavras era insuportável para ela, mas à medida que cresceu e começou a ir para a escola esse problema se tornou mais acentuado em vez de se atenuar. Eles a tinham mudado para outra escola, mais especializada em lidar com os seus problemas, mas mesmo assim os relacionamentos familiares e sociais ficavam um pouco dificultados quando sua filha saía correndo aos gritos do recinto com as mãos tapando os ouvidos só porque um dos convidados tinha dito estar tão cheio que não conseguiria comer a sobremesa ou que os negócios estavam bombando apesar da retração da economia. Ele e a mulher tinham se esforçado muito para tentar entender a filha a ponto de, quando conversavam depois de as crianças irem para a cama, tentarem inculcar em si mesmos a sensibilidade da menina, apurando os ouvidos para ouvir a insinceridade nas frases um do outro, e descobrirem ser de fato verdade que boa parte do que se dizia era bastante roteirizada e que se você realmente pensasse a esse respeito poderia admitir que poucas vezes correspondia ao modo como realmente se sentia. Mesmo assim, ainda tinham

problemas com a filha com bastante regularidade e ele havia reparado que a mulher estava se tornando cada vez mais calada, o que acreditava ser por causa de Betsy, já que por criar esse campo minado em torno da comunicação era mais fácil não dizer absolutamente nada.

Talvez por esse motivo — por ele não poder falar, e portanto não poder mentir — Betsy adorava Piloto com um fervor por vezes inquietante. Mesmo assim, pouco tempo antes tinha ocorrido um episódio que o levara pela primeira vez a questionar a definição da verdade de Betsy e sua tirania em relação à narrativa. Ele a tinha levado consigo para passear com Piloto e o cachorro de repente saíra correndo. Eles estavam no terreno de uma grande propriedade e por algum motivo ele não havia percebido que ali eram criados cervos e soltara Piloto da coleira. O cachorro em geral se mostrava escrupulosamente obediente com animais de fazenda, mas nessa ocasião tinha se comportado de um modo inteiramente atípico. Num instante estava ali ao lado deles, no instante seguinte tinha sumido.

“A senhora não imagina como o bicho foi rápido”, disse ele. “Ele era um cachorro imenso e quando decidia se mover ninguém tinha a menor chance de pegá-lo. Ele aumentava a passada e simplesmente engatava outra marcha. Antes de nos darmos conta, já estava a cinquenta metros de distância”, disse ele, “e nós simplesmente ficamos ali vendo ele sair voando pelo terreno. Quando o viram, os cervos começaram a correr, embora já fosse tarde para escapar. Deviam ser centenas. Não sei se a senhora já viu alguma coisa desse tipo”, disse ele, “mas, de um jeito horrível, é uma visão linda. Eles correm todos juntos, feito água. Nós os assistimos se derramarem pelo terreno com Piloto em seu encalço e apesar de tudo fiquei quase hipnotizado com aquilo. Eles não paravam de fazer curvas e dar meia-volta formando um grande oito e Piloto os seguia, mas era quase como se os estivesse guiando, fazendo-os traçar algum desenho que já tinha na cabeça. Por cerca de cinco minutos eles ficaram fazendo isso, dando voltas e mais voltas naquelas grandes linhas sinuosas, então de repente foi como se ele tivesse ficado entediado ou

decidido que aquilo precisava acabar. Sem qualquer esforço, simplesmente dobrou a velocidade, penetrou a massa do rebanho, escolheu um dos mais jovens e o derrubou. Havia uma mulher parada perto de nós”, disse ele, “e ela começou a gritar conosco e a dizer que ia nos denunciar e mandar alguém vir abater o cachorro, e eu fiquei tentando acalmá-la e de repente ouvimos um barulho atrás de nós, olhamos para trás e Betsy tinha desmaiado. Ela estava deitada ali, totalmente apagada na grama, com sangue escorrendo da cabeça no lugar em que tinha batido numa pedra ao cair. Sério”, disse ele, “parecia que estava morta. Piloto a essa altura tinha se afastado para dentro da mata, e a mulher ficou tão preocupada com Betsy que esqueceu a história de abater o cachorro e me ajudou a levá-la até o carro e nos acompanhou até o hospital. Betsy ficou bem, claro.”

Ele deu uma risada sem alegria e balançou a cabeça.

Perguntei o que tinha acontecido com o cachorro.

“Ah, ele voltou na mesma noite”, respondeu ele. “Eu o ouvi atrás da porta e quando fui abrir ele não entrou, só ficou ali do lado de fora olhando para mim. Estava inteiramente imundo e coberto de sangue e sabia o que ia lhe acontecer. Já estava esperando. Mas eu detestava bater nele”, disse o homem com tristeza. “Só tive de fazer isso duas ou três vezes na vida dele. Nós dois sabíamos que ele não teria se tornado o que se tornou sem isso. Mas Betsy se recusou a aceitar o que ele tinha feito. Passou semanas sem tocá-lo ou falar com ele. Também não falava comigo. Ela simplesmente não entendia. Eu falei para ela: você sabe que não se treina um cachorro ficando emburrada e dando um gelo nele, não sabe? Isso só vai torná-lo dissimulado e desonesto. Você sabe que o motivo pelo qual se sente segura quando eu não estou aqui é porque sabe que, se alguém tentasse machucar qualquer um de vocês, Piloto faria com essa pessoa a mesma coisa que fez com aquele cervo. Ele pode se sentar ao seu lado no sofá, trazer coisas para você e se deitar ao seu lado na cama quando você está doente, mas quando alguém que ele não conhece bate na porta está disposto a matar a pessoa se for preciso. Ele é um animal, falei, e precisa ser disciplinado, mas

quando você impõe a ele as suas sensibilidades você interfere na natureza dele.”

Ele passou algum tempo calado, com o queixo erguido, encarando o corredor cinza onde a aeromoça empurrava seu carrinho em meio ao mar de gente. Ela se virava para a direita e para a esquerda, curvando o tronco por cima das fileiras, com os cantos erguidos dos olhos e da boca delineados com tanta precisão que quase pareciam ter sido intrincadamente esculpidos no oval liso do rosto. Seus movimentos automáticos eram hipnóticos e ao observá-la o homem pareceu entrar numa espécie de transe. Depois de algum tempo, sua cabeça começou a se inclinar para a frente até cair com um tranco tão grande que ele tornou a se endireitar na poltrona.

“Desculpe”, falou.

Esfregou o rosto com força e depois de passar um tempo olhando pela janela atrás de mim e respirando fundo pelo nariz, perguntou se eu já tinha visitado aquela parte da Europa.

Contei que tinha ido apenas uma vez, anos antes, com meu filho. Ele estava passando por um período difícil na época, falei, e eu havia pensado que uma viagem lhe faria bem. Mas então, de última hora, tinha decidido levar também outro menino, filho de uma amiga minha. Minha amiga estava doente e precisava se internar, então achei que isso poderia ajudá-la. Os dois meninos não se deram muito bem, falei, e o filho da minha amiga precisava de muita atenção, então embora meu filho talvez houvesse imaginado que seria o meu foco durante alguns dias, no fim das contas não foi isso que aconteceu. Eu queria muito ver uma exposição, então um dia de manhã convenci os dois a irem comigo à galeria. Pensei que podíamos ir a pé mas avaliei mal as distâncias e acabamos andando quilômetros por uma espécie de rodovia, debaixo de uma chuva torrencial. Acabou que o filho da minha amiga nunca frequentava galerias nem tinha interesse por arte e ele começou a se comportar tão mal que os funcionários foram obrigados a repreendê-lo e por fim a pedir que se retirasse. Então tive de ficar sentada com ele no café, os dois com as roupas encharcadas, enquanto meu filho visitava a

exposição sozinho. Ele demorou mais ou menos uma hora, falei, e ao voltar me descreveu tudo que tinha visto. Eu não sabia, eu disse, se era possível atribuir um valor definitivo à experiência da maternidade e da paternidade, vê-la na sua totalidade, mas aquele tempo que passamos no café com ele falando foi um de seus momentos de graça. Uma das coisas que ele tinha visto fora um caixote de madeira enorme dentro do qual o artista havia reconstituído inteiramente e em tamanho real o próprio quarto. Estava tudo ali — móveis, roupas, máquina de escrever, pilhas de papéis e livros abertos sobre a escrivaninha, xícaras com restos de café — mas tudo tinha sido invertido, de modo que o chão era o teto e o quarto inteiro estava de cabeça para baixo. Meu filho tinha ficado particularmente impressionado com esse quarto de cabeça para baixo no qual se entrava por uma portinha no caixote e havia passado um tempão lá dentro. Muitas vezes, falei, nos anos que se seguiram, eu me lembrava da sua descrição do quarto e o imaginava sentado ali, num mundo contendo todos os mesmos elementos, só que de cabeça para baixo em relação a como você espera que estejam.

O homem escutava com uma expressão levemente intrigada no rosto.

“E ele acabou virando artista?”, indagou, como se essa pudesse ser a única explicação para eu estar contando aquelas coisas.

Ele ia começar a universidade no outono, falei, para estudar história da arte.

“Ah, tá”, disse o homem, meneando a cabeça.

O seu filho era do tipo acadêmico, disse ele, muito mais do que Betsy. Queria ser veterinário. Criava todo tipo de bicho esquisito em seu quarto: uma chinchila, uma cobra, um casal de ratos. Eles tinham um amigo veterinário e seu filho passava a maioria dos finais de semana lá na clínica. Na verdade, fora seu filho quem tinha percebido que havia algo de errado com Piloto. O cão passara as duas últimas semanas muito quieto e desanimado. Eles tinham posto na conta da idade mas então, certa noite, seu filho estava fazendo carinho em Piloto e notou

um calombo no flanco do cachorro. Uns dois dias depois, quando sua mulher saiu e os filhos estavam na escola, ele levou Piloto à clínica do amigo veterinário sem pensar que fosse algo grave. O veterinário o examinou e disse que Piloto tinha câncer.

Ele se calou e tornou a olhar pela janela atrás de mim.

“Na verdade eu nem sabia que cachorros podiam ter câncer”, falou. “Nunca tinha pensado em como Piloto iria morrer. Perguntei se ele poderia fazer uma cirurgia e meu amigo respondeu que era inútil — estava avançado demais. Então ele receitou uns remédios para dor e levei Piloto de volta para casa. Durante todo o caminho até em casa”, disse ele, “não parei de vê-lo como ele era quando era jovem, forte e potente. Pensei em todos os anos em que ele estivera ali enquanto eu passava semanas seguidas fora e o fato de ele estar desvanecendo agora que eu havia me aposentado parecia de certo modo significar alguma coisa. Mais do que tudo, eu estava com medo de contar para os outros, pois para ser sincero não sei se eles não prefeririam ter Piloto a ter a mim. Comecei a sentir que tinha atrapalhado tudo voltando para casa. Eles todos pareciam muito felizes quando eu não estava e agora minha mulher e eu vivíamos discutindo e as crianças gritavam e batiam portas e, para completar”, disse ele, “eu tinha feito o cachorro adoecer quando nunca em toda a vida ele demonstrara um único segundo de fraqueza. Enfim”, disse ele, “acabei contando para eles, embora reconheça que fiz a coisa parecer menos grave do que era. Tínhamos combinado que ele ficaria num canil enquanto estivéssemos fora mas eu sabia que ele não resistiria, então lhes disse para viajarem sem mim. Eles ficaram bem desconfiados. Me fizeram prometer que eu telefonaria se ele piorasse para poderem voltar. Chegaram a ligar nessa mesma noite do hotel e me fizeram jurar que eu não deixaria Piloto morrer enquanto eles estivessem fora. Eu disse que ele estava bem, que era só um resfriado ou algo assim, e que de manhã ele provavelmente estaria melhor.” Ele fez uma pausa e me olhou de esguelha. “Não contei nem para a minha mulher.”

Perguntei por que não e ele fez outra pausa.

“Quando ela estava parindo as crianças, não quis que eu estivesse junto”, disse ele. “Lembro de ela falar que não conseguiria lidar com a dor se eu estivesse no mesmo recinto. Precisava fazer aquilo sozinha. Eles amavam Piloto”, falou, “mas quem o havia treinado, disciplinado e feito ser o que era tinha sido eu. Num certo sentido eu o criei”, disse ele, “para me substituir quando eu não estava. Acho que ninguém nunca entenderia como eu me sentia em relação a ele, nem mesmo a minha família. E pensar neles ali presentes e nos seus sentimentos tendo prioridade em relação aos meus era bastante insuportável, o que, na minha opinião”, disse ele, “foi mais ou menos o que ela quis dizer.”

“Enfim”, continuou ele, “Piloto tinha essa cama bem grande na cozinha, onde costumava dormir, e estava deitado ali esparramado de lado, então fui lá, peguei umas almofadas para deixá-lo o mais confortável possível e sentei-me ao seu lado no chão. Ele ofegava muito depressa e me olhava com uns olhos imensos e tristes e por muito tempo nós dois ficamos apenas ali, nos olhando. Fiz carinho na sua cabeça, conversei com ele, e ele ficou ali ofegando, e por volta da meia-noite comecei a me perguntar quanto tempo aquilo iria durar. Eu na verdade não sabia nada sobre o processo de morrer — nunca tinha ficado com ninguém que estivesse morrendo — e percebi que estava começando a me impacientar. Não era nem que eu quisesse que tudo acabasse logo para o bem dele. Eu só queria que algo acontecesse. Passei quase toda minha vida adulta”, disse ele, “indo ou voltando de algum lugar. Nunca estive em nenhuma situação sem a perspectiva de que ela acabaria ou sem ter de ir embora num horário específico, e, embora esse modo de vida às vezes fosse desagradável, num certo sentido eu tinha ficado viciado nele. Ao mesmo tempo fiquei pensando em como as pessoas diziam que era melhor abreviar o sofrimento dos animais e me perguntei se o que deveria estar fazendo era lhe dar uma overdose de remédio ou pôr uma almofada na sua cara, e se eu era simplesmente fraco ou medroso demais. E estranhamente tive a sensação de que Piloto teria sabido a resposta para essa

pergunta. No fim das contas, lá pelas duas da manhã, não aguentei mais e liguei para o veterinário, e ele disse que se eu quisesse iria lá em casa na mesma hora e daria uma injeção nele. Então perguntei o que aconteceria se nós simplesmente deixássemos as coisas como estavam e ele respondeu que não sabia — podia levar horas, ou então dias ou mesmo semanas. A decisão é sua, falou. Então eu disse a ele: escute, o cachorro está morrendo ou não está? E ele respondeu sim, é claro que ele está morrendo, mas é um processo misterioso e você pode esperar ou decidir encerrá-lo. E então eu comecei a pensar em Betsy tocando em seu concerto no dia seguinte e no quanto eu estaria cansado e em todas as coisas que precisava fazer, então falei para ele passar lá. E quinze minutos depois ele chegou.”

Perguntei o que tinha acontecido nesses quinze minutos.

“Nada”, disse ele. “Absolutamente nada. Continuei sentado ali, Piloto continuou ofegando e me olhando com aqueles olhos grandes, e eu não senti nada específico, apenas que estava esperando alguém chegar e me tirar daquela situação. Tive a sensação de que ela havia se tornado falsa mas hoje”, falou, “daria literalmente qualquer coisa para voltar a ela, para estar de novo naquele recinto naquele instante preciso.

“O veterinário acabou chegando e foi tudo muito rápido, ele fechou os olhos de Piloto e me deu um número para eu telefonar de manhã e chamar alguém para levar o corpo, e então foi embora. De modo que eu fiquei ali, no mesmo recinto com o mesmo cachorro, só que o cachorro agora estava morto. Comecei a pensar no que minha mulher e meus filhos diriam se soubessem, se pudessem me ver sentado ali, e nessa hora me dei conta de que tinha feito uma coisa horrível, algo que eles jamais teriam feito, algo tão covarde e antinatural e agora tão completamente irreversível que parecia que eu nunca, jamais iria superar e que as coisas nunca mais voltariam a ser o que eram. E de certa forma foi só para esconder a prova do que tinha feito que resolvi enterrá-lo imediatamente. Fui até o barracão lá fora no escuro e peguei uma pá, então escolhi um lugar no jardim e comecei a cavar. E durante todo o tempo que passei cavando não

soube dizer se o que estava fazendo era másculo e honrado ou apenas falso também, porque ao mesmo tempo que cavava eu me imaginava contando aquilo para os outros. Imaginei-os pensando na minha força física e na minha decisão, mas na verdade foi um trabalho bem mais árduo do que eu tinha suposto. No início eu pensei que não fosse conseguir. No entanto, sabia que não poderia em hipótese alguma desistir. Podia ver como aquela cena iria parecer à luz do dia, eu ali sentado com um cachorro morto e uma bagunça parcialmente escavada no jardim. O chão estava incrivelmente duro e a pá não parava de bater em pedras, e o buraco precisava ser suficientemente grande para Piloto caber lá dentro. Uma ou duas vezes eu pensei que seria obrigado a reconhecer a derrota. Mas depois de um tempo”, disse ele, “comecei a sentir que na verdade era aquilo que significava ser um homem. Dei-me conta de que eu estava com raiva e era a raiva que estava me dando a força para fazer aquilo, então me permiti ficar com cada vez mais raiva até por fim não ter mais nem medo do que a família iria dizer, porque eles não tinham tido que matar o cachorro e depois cavar uma cova para enterrá-lo. Uma das expressões que a minha mulher tinha começado a usar quando discutíamos sobre sua maneira de administrar as coisas era: ‘Você não estava aqui’. Eu sempre detestei isso, mas agora podia me imaginar dizendo o mesmo para ela. Entendi o quanto ela precisara estar zangada para dizer aquilo e de repente fiquei aliviado por Piloto ter morrido. Aliviado de verdade, porque me pareceu que sem ele nós seríamos obrigados a reconhecer o que de fato sentíamos.”

Ele fez uma pausa com uma expressão atarantada no rosto.

“Terminei de cavar o buraco”, retomou algum tempo depois, “voltei para dentro de casa e enrolei Piloto num cobertor. Levantei-o de sua cama e ele era tão inacreditavelmente pesado que quase o deixei cair. Teria sido mais fácil arrastá-lo”, falou, “mas eu sabia que não podia me permitir fazer isso porque já estava começando a ficar com medo do corpo. Quando voltei para dentro de casa e o vi ali deitado, morto”, falou, “tive o impulso totalmente inacreditável de sair correndo. Precisei

acreditar que aquilo ainda era o Piloto”, disse ele, “ou não teria conseguido ir até o fim. Acabei tendo que segurá-lo bem forte contra o peito”, disse ele, “e mesmo assim consegui bater com a sua cabeça no batente da porta ao sair, e fiquei falando com ele e pedindo desculpas em voz alta e não sei como dei um jeito de cambalear até lá fora com ele no colo, atravessar o jardim e colocá-lo na cova. Estava começando a amanhecer. Arrumei-o bem direitinho, então voltei para dentro, peguei algumas das coisas dele em sua cama e as coloquei junto dele. Então enchi a cova com terra, nivelei e contornei as bordas com pedras. Depois fui fazer a mala e tomar uma ducha. Estava absolutamente imundo”, disse ele. “Tive de jogar a camisa fora. Então peguei o carro e fui dirigindo até o aeroporto.”

Ele abriu as mãos grandes diante de si e as examinou, frente e verso. Estavam limpas, com exceção das meias-luas escuras e compactas de terra sob as unhas. Olhou para mim.

“A única coisa que não consegui tirar foi a lama de debaixo das unhas”, falou.

O hotel era totalmente redondo; em algum momento já tinha sido uma torre de caixa-d'água, disse a recepcionista, e a conversão do edifício tinha valido muitos prêmios ao arquiteto. Ela me deu um mapa da cidade, que alisou por cima do balcão da recepção com unhas esguias e muito esmaltadas.

“Nós estamos aqui”, disse ela, traçando um círculo em volta do local com uma caneta.

No lobby, várias colunas grossas subiam pelo centro da construção, a partir das quais passarelas se esticavam lá em cima como os raios de uma roda. Atrás de uma dessas colunas uma moça com uma camiseta na qual estava impresso o logo do festival estava sentada diante de uma mesa com uma pilha de folhetos informativos. Ela consultou seu maço de papéis para tentar achar as minhas informações. Eu estava agendada para participar de um evento naquela tarde, disse ela, e depois achava que tinham combinado uma entrevista minha para um dos jornais diários de circulação nacional. O evento aconteceria ali

mesmo no hotel. À noite haveria uma festa num lugar no centro da cidade onde serviriam comida. O festival funcionava com um sistema de fichas para a alimentação; eu podia usá-las tanto ali no hotel quanto mais tarde na festa. Ela pegou uma cartela de fichas impressas, separou várias numa linha perfurada e me entregou depois de anotar os números de série na lista à sua frente. Entregou-me também um folheto informativo e um recado do meu publisher dizendo que me encontraria no bar do hotel antes do evento da tarde.

Parte do bar do hotel havia sido isolada para uma festa de casamento. Pessoas segurando taças de champanhe ocupavam o espaço escuro de pé-direito baixo. As janelas na parede arredondada deixavam entrar por um dos lados uma luz fria forte e o contraste entre luz e sombra dava às roupas e rostos dos convidados um aspecto levemente espalhafatoso. Um fotógrafo conduzia as pessoas em duplas ou grupos pequenos até a varanda, onde elas posavam no dia fresco e ventoso, congelando as expressões para a câmera. A noiva e o noivo conversavam e riam em meio a um círculo de amigos, lado a lado, mas cada um voltado para uma direção. Seus rostos exibiam uma expressão constrangida, quase de culpa. Reparei que todo mundo ali tinha mais ou menos a mesma idade do casal que estava se casando e a ausência de qualquer pessoa mais velha ou mais nova fez parecer que aqueles acontecimentos não estavam vinculados nem ao futuro, nem ao passado, e que ninguém tinha total certeza se o que os havia ocasionado fora liberdade ou irresponsabilidade.

O restante do bar estava vazio, a não ser por um homem baixo de cabelos claros sentado num banco de couro em um cubículo com um livro diante de si. Ao me ver, ele ergueu o livro para que eu pudesse ver a capa. Olhou para a quarta capa, em seguida olhou para mim, em seguida tornou a olhar para a quarta capa.

“Você não se parece nada com a sua foto!”, exclamou em tom de reprimenda quando cheguei perto o suficiente para escutar.

Assinalei que a fotografia que ele havia escolhido para a capa tinha mais de quinze anos.

“Mas eu adoro essa foto!”, disse ele. “Você está tão... natural.”

Ele começou a me falar sobre outra autora sua, cuja foto no livro mostrava uma mulher esbelta e bonita, com uma longa e loura cascata de cabelos brilhantes. Na realidade ela era grisalha e estava um pouco acima do peso e infelizmente padecia de um defeito na visão que a obrigava a usar óculos com lentes grossas feito um fundo de garrafa. Sempre que ela se apresentava em leituras e festivais o contraste ficava muito evidente e ele ocasionalmente havia abordado a delicada questão de usar uma foto mais recente, mas ela não queria nem ouvir falar nisso. Por que sua foto deveria corresponder à realidade? Para ela poder ser identificada pela polícia? Toda a lógica da sua profissão era representar uma fuga da realidade, falou. Além do mais, ela preferia ser aquela sílfide com os cabelos em cascata. Em algum lugar de si mesma, acreditava ainda ser aquela mulher. Uma certa dose de autoengodo era uma parte essencial do talento necessário para viver, disse ela.

“Ela é uma de nossas autoras de maior sucesso”, disse ele, “como você pode imaginar.”

Ele me perguntou o que eu estava achando do hotel e eu disse que tinha achado a sua circularidade surpreendentemente confusa. Várias vezes já tinha tentado ir a algum lugar e me visto de volta ao ponto de partida. Não tinha percebido, falei, o quanto da navegação consiste na crença no avanço e na pressuposição da fixidez daquilo que você deixou para trás. Eu havia percorrido a circunferência inteira do prédio à procura de coisas que já estavam bem do meu lado, um erro virtualmente garantido pelo fato de todas as fontes de luz natural do edifício terem sido escondidas por divisórias oblíquas, de modo que os caminhos dentro dele eram quase completamente escuros. Em outras palavras, você encontrava a luz não a seguindo, mas esbarrando com ela de modo aleatório e em maior ou menor grau; ou, para dizer de outro modo, você só sabia onde estava quando já tinha chegado. Eu não duvidava que fosse devido a metáforas desse tipo que o arquiteto tinha ganhado seus vários prêmios, mas isso

partia do pressuposto de que as pessoas não tinham seus próprios problemas ou no mínimo algo melhor para fazer com seu tempo. Meu publisher arregalou os olhos.

“Pensando bem”, disse ele, “daria para dizer o mesmo em relação aos romances.”

Ele era um homem de aparência delicada, elegantemente vestido com um blazer e uma camisa listrada, com cabelos lisos meticulosamente penteados para trás, óculos angulosos de armação prateada e um cheiro de roupa passada a ferro e água-de-colônia. Sua esbelteza o fazia parecer ainda mais jovem do que era. Ele tinha a pele muito alva — os pedaços visíveis junto aos punhos e à gola da camisa quase pareciam plástico de tão brancos — e a boca rosa-clara era pequena e macia como a de uma criança. Fazia um ano e meio que ocupava aquele cargo importante na editora, falou então; antes disso trabalhava no departamento de marketing. Algumas pessoas tinham demonstrado surpresa com o fato de que uma das mais antigas e mais distintas casas literárias do país fosse posta nas mãos de um vendedor de trinta e cinco anos de idade, mas como nesse curto intervalo ele a levara das raias da falência ao que parecia despontar como o ano mais lucrativo na longa história da empresa, um a um os críticos haviam se calado.

Ele exibia um leve sorriso ao falar e seus olhos azul-claros por trás das lentes reluziam com a timidez da luz que cintila na água.

“Por exemplo”, disse ele, “apenas um ano atrás eu não teria conseguido aprovar nosso investimento num título como este.” Ele ergueu o livro com a minha foto estampada, no que foi um gesto de acusação ou de triunfo. “A triste verdade”, falou, “é que durante esse período até alguns de nossos autores mais ilustres viram seus manuscritos serem recusados pela primeira vez em décadas. Houve muitos protestos”, disse ele, sorrindo, “como animais em agonia berrando ao serem tragados pela lama. Alguns não conseguiram aceitar o questionamento daquilo que consideravam seu direito de ter qualquer coisa que decidissem escrever publicada ano após ano — fosse ela ou não o que os outros quisessem ler. Lamentavelmente”, disse ele, tocando de

leve a fina armação de aço dos óculos, “em alguns casos perderam-se a cortesia e o controle.”

Perguntei o que, além do descarte de romances literários pouco lucrativos, explicava a recuperação financeira da empresa, e seu sorriso se alargou.

“Nosso maior sucesso foi com o sudoku”, disse ele. “Na verdade, eu mesmo fiquei bem viciado. É claro que houve indignação com o fato de sujarmos nossas mãos dessa forma. Mas constatei que essa indignação morreu bem depressa depois que esses autores menos populares entenderam que isso significava que seus livros poderiam voltar a ser publicados.”

O que todos os publishers estavam buscando, continuou ele — o santo graal do mundo literário moderno, por assim dizer —, eram autores com um bom desempenho no mercado que ao mesmo tempo mantivessem uma conexão com os valores da literatura; em outras palavras, autores de livros que as pessoas pudessem de fato apreciar sem se sentirem nem um pouco diminuídas ao serem vistas lendo-os. Ele havia conseguido reunir uma coleção e tanto de autores assim e, tirando o sudoku e os thrillers comerciais, eles eram os principais responsáveis pela melhora da situação da empresa.

Eu disse estar surpresa com a sua observação de que a preservação dos valores literários — por mais nominal que fosse — influenciava na obtenção de sucesso comercial. Na Inglaterra, falei, as pessoas gostavam de morar em casas velhas que tivessem sido totalmente reformadas e providas de confortos modernos e eu estava me perguntando se o mesmo princípio poderia ser aplicado aos romances; e, caso sim, se o responsável por isso era o embotamento ou a perda de nosso próprio instinto para apreciar a beleza. Uma expressão de deleite tomou conta de seu rosto delicado e branco e ele ergueu o dedo no ar.

“As pessoas apreciam a combustão!”, exclamou ele.

Na verdade, continuou, era possível ver a história inteira do capitalismo como uma história de combustão, de queima não só de substâncias armazenadas dentro da terra durante milhões de

anos mas também de conhecimento, ideias, cultura, e de fato beleza — qualquer coisa, em outras palavras, que tivesse demorado muito tempo para se desenvolver e aumentar.

“Vai ver o que estamos queimando é o próprio tempo”, exclamou ele. “Considere por exemplo a escritora inglesa Jane Austen: pude observar o modo como, no intervalo de uns poucos anos, os romances dessa solteirona morta tempos atrás foram esgotados”, disse ele, “queimados um após o outro em spin offs e continuações, filmes, livros de autoajuda e até mesmo, creio eu, um reality show na TV. Apesar dos poucos fatos conhecidos sobre a vida dela, até a autora em si foi finalmente consumida na pira da biografia popular. Quer isso pareça ou não preservação”, disse ele, “na verdade é o desejo de usar a essência até não sobrar mais nenhuma gota. Miss Austen rendeu uma bela fogueira”, disse ele, “mas no caso dos meus autores de sucesso o que está sendo queimado é o conceito da literatura em si.”

Havia uma ânsia generalizada pelo ideal da literatura, acrescentou ele, como pelo mundo perdido da infância, cuja autoridade e realidade tendiam a parecer muito maiores do que a do momento presente. No entanto, voltar a essa realidade por um dia que fosse seria intolerável para a maioria das pessoas, além de ser também impossível; apesar da nossa nostalgia em relação ao passado e à história, nós rapidamente nos veríamos incapazes de viver lá por questões de desconforto, uma vez que a motivação que define a era moderna, disse ele, de forma consciente ou não, é a busca pela liberdade em relação a restrições ou dificuldades de qualquer tipo.

“O que é a história senão uma memória indolor?”, indagou ele, sorrindo de modo agradável e unindo as pequenas mãos brancas sobre a mesa à sua frente. “Se as pessoas quiserem reencontrar algumas dessas dificuldades, hoje em dia elas vão à academia.”

Da mesma forma, continuou ele, vivenciar as nuances da literatura sem o trabalho árduo de ler, por exemplo, Robert Musil, era para muitas pessoas algo bastante prazeroso. Ele, por

exemplo, quando era adolescente costumava ler bastante poesia, principalmente a poesia de T.S. Eliot, mas se hoje fosse pegar os *Quatro quartetos* não tinha dúvida de que eles lhe causariam dor, não só por causa da visão pessimista da vida que Eliot tinha mas também porque isso o forçaria a entrar novamente no mundo em que tinha lido esses poemas pela primeira vez, com toda a sua crua realidade. Nem todo mundo, é claro, passa os anos da adolescência lendo Eliot, disse ele, mas seria difícil atravessar o sistema de ensino sem em algum momento ter de lidar com um ou outro texto antiquado, de modo que para a maioria das pessoas o ato de ler simbolizava inteligência, muito possivelmente porque nessa época formativa elas não tinham apreciado nem compreendido os livros que eram obrigadas a ler. Isso tinha até mesmo conotações de virtude e superioridade moral a ponto de os pais ficarem com medo de haver algo errado com os filhos caso eles não lessem, embora esses mesmos pais muito possivelmente detestassem eles próprios estudar literatura. De fato, como ele já dissera, talvez fosse até o sofrimento deles provocado por textos literários que fora esquecido e havia deixado esse resíduo de respeito pelos livros; isso se pudermos acreditar nos psicanalistas quando dizem que somos inconscientemente atraídos para a repetição de experiências dolorosas. Assim, um produto cultural que reproduzisse essa atração ambígua ao mesmo tempo que não fizesse nenhuma demanda nem infligisse nenhuma dor em troca estava fadado a ter sucesso. A explosão de clubes do livro e grupos de leitura e de sites repletos de críticas escritas por leitores não dava nenhum sinal de arrefecer, pois as chamadas viviam sendo constantemente reavivadas por uma espécie de esnobismo às avessas que os seus autores de maior sucesso compreendiam por completo.

“Mais do que tudo”, disse ele, “as pessoas não gostam que algo as faça se sentir burras, e se você despertar esses sentimentos estará fazendo isso por seu próprio risco. Eu, por exemplo, gosto de jogar tênis”, falou “e sei que se jogar com alguém um pouquinho melhor do que eu meu jogo vai melhorar.

Mas se o meu parceiro de jogo estiver num nível muito acima do meu ele se torna o meu algoz e meu jogo é destruído.”

Às vezes, disse ele, ele se divertia explorando as profundezas mais remotas da internet, onde leitores davam opiniões sobre os livros que compravam mais ou menos da mesma forma como poderiam avaliar o desempenho de um detergente. O que havia aprendido ao estudar essas opiniões era que o respeito pela literatura era basicamente superficial e que as pessoas nunca estavam muito longe da capacidade de vilipendiá-la. Era de certa forma divertido ver Dante ganhar uma única estrela de cinco possíveis e ter sua *Divina comédia* definida como “uma bela merda”, mas alguém sensível também poderia achar isso perturbador, até se lembrar que Dante — como a maioria dos grandes escritores — forjou sua visão a partir de uma profunda compreensão da natureza humana e sabia se defender sozinho. Era uma posição de fraqueza, acreditava ele, considerar a literatura algo frágil que precisava ser defendido, como faziam tantos de seus colegas e contemporâneos. Da mesma forma, ele não se deixava guiar muito por suas qualidades moralmente benéficas a não ser para melhorar o jogo — como ele já dissera — de alguém correspondentemente um pouco inferior.

Ele se recostou na cadeira e me olhou com um sorriso agradável.

Eu disse que achei seus comentários um tanto cínicos, bem como surpreendentemente indiferentes ao conceito de justiça, cujos mistérios, embora permaneçam opacos para nós, sempre me parecera sensato temer. Na verdade, a própria opacidade desses mistérios era por si só motivo de terror, falei, pois se o mundo parecia cheio de pessoas que levavam vidas más sem serem repreendidas e de outras que levavam vidas virtuosas sem serem recompensadas, a tentação de abandonar a moralidade pessoal poderia surgir no exato instante em que ela é mais importante. Em outras palavras, a justiça representava algo que era preciso honrar por si e, independentemente de ele acreditar ou não que Dante fosse capaz de se defender sozinho, parecia-me que se deveria defendê-lo em toda oportunidade.

Enquanto eu falava, meu publisher havia tirado os olhos discretamente do meu rosto de modo a olhar para algo por cima do meu ombro e ao me virar dei com uma mulher parada na porta do bar olhando em volta, ela também com uma expressão confusa e a mão protegendo os olhos, como um viajante que vasculha uma paisagem estrangeira.

“Ah!”, disse ele. “Linda chegou.”

Ele acenou para ela e a mulher fez um gesto brusco de alívio como se estivesse fazendo um esforço para nos encontrar, embora na realidade nós fôssemos as únicas pessoas presentes.

“Me enganei e fui parar no subsolo”, disse ela ao chegar à nossa mesa. “Lá tem uma garagem. Uma porção de carros enfileirados. Foi horrível.”

O publisher riu.

“Não teve graça nenhuma”, disse Linda. “Eu me senti dentro de um intestino grosso. O prédio estava me digerindo.”

“Nós vamos publicar o primeiro romance de Linda”, disse ele para mim. “Até agora as críticas foram muito animadoras.”

Ela era uma mulher alta, macia e de membros grossos, tornada ainda mais alta pelas sandálias de salto que calçava e cujo glamour parecia incongruente com a roupa preta semelhante a uma barraca e o ar desengonçado de modo geral. Seus cabelos estavam despenteados e desciam até abaixo dos ombros em chumaços de aspecto embaraçado e a pele tinha a falta de viço de alguém que raramente sai ao ar livre. O rosto era redondo, flácido, um pouco espantado, e a boca permaneceu entreaberta enquanto ela olhava assombrada através de grandes óculos de armação vermelha para a festa de casamento no outro extremo do bar.

“O que é aquilo?”, indagou, intrigada. “Estão fazendo um filme?”

O publisher explicou que o hotel era um lugar muito procurado para casamentos.

“Ah”, fez ela. “Pensei que fosse uma brincadeira ou algo assim.”

Ela se deixou cair pesadamente no banco, abanando o rosto e

puxando a gola da roupa preta com a outra mão.

“Estávamos falando sobre Dante”, disse o publisher, agradável.

Linda o encarou.

“Tínhamos que ter estudado isso para hoje?”, perguntou ela.

Ele riu alto.

“O único assunto é você”, disse ele. “É sobre isso que as pessoas estão pagando para ouvir.”

Ficamos as duas escutando enquanto ele nos passava os detalhes do evento do qual iríamos participar. Ele nos apresentaria, falou, então haveria alguns minutos de conversa, antes de começarem as leituras, em que ele faria a cada uma duas ou três perguntas sobre nós mesmas.

“Mas você já sabe as respostas, né?”, disse Linda.

Era uma formalidade, disse ele, só para que todos pudessem relaxar.

“Para quebrar o gelo”, disse Linda. “Eu conheço o conceito. Mas gosto de um pouco de gelo nas coisas”, acrescentou ela. “Prefiro assim.”

Ela falou sobre uma leitura que tinha feito em Nova York com um romancista conhecido. Eles tinham combinado de antemão como correria a leitura, mas ao subirem ao palco o romancista anunciou à plateia que em vez de ler eles cantariam. A plateia adorou a ideia, e o romancista se levantou e cantou.

O publisher deu uma sonora gargalhada e bateu palmas, o que fez Linda se sobressaltar.

“Cantou o quê?”, perguntou ele.

“Sei lá”, respondeu Linda. “Algum tipo de canção folclórica da Irlanda.”

“E você, cantou o quê?”, perguntou ele.

“Foi a pior coisa que já me aconteceu”, disse Linda.

O publisher sorria e balançava a cabeça.

“Gênio”, disse ele.

Outra leitura que ela fez foi com uma poeta, disse Linda. A poeta era uma espécie de figura cult e a plateia era imensa. O namorado da poeta sempre participava de suas apresentações

públicas, e enquanto ela lia ele percorria a plateia sentando-se no colo das pessoas ou tocando-as. Nesse dia, ele tinha levado consigo um gigantesco rolo de barbante e ficara engatinhando para lá e para cá no meio das fileiras e passando o barbante em volta dos tornozelos das pessoas até no fim a plateia inteira estar amarrada.

O publisher deu outra sonora gargalhada.

“Você precisa ler o romance de Linda”, disse-me ele. “É absolutamente hilário.”

Linda o encarou, intrigada e sem sorrir.

“Não é essa a intenção”, disse ela.

“Mas é exatamente por isso que as pessoas aqui amam o romance!”, disse ele. “Ele as tranquiliza em relação ao absurdo da vida sem fazê-las sentir que elas próprias são absurdas. Nas suas histórias você é sempre a... qual é mesmo a expressão?”

“O motivo da chacota”, disse Linda num tom chapado. “Não está quente aqui?”, acrescentou ela. “Estou morrendo de calor. Deve ser a menopausa”, disse ela e fez aspas no ar com os dedos: “O gelo derrete enquanto a escritora se superaquece.”

Dessa vez o publisher não riu, apenas a encarou com uma neutralidade animada e os olhos sem piscar por trás das lentes.

“Vivo em turnê há tanto tempo que estou começando a passar pelas etapas do envelhecimento”, disse ela. “Meu rosto dói por ter que sorrir o tempo todo. Comi uma porção de comida esquisita e agora a única coisa em que caibo é este vestido. Já o usei tantas vezes que ele virou quase o meu apartamento.”

Perguntei onde ela havia estado antes de chegar aqui e ela respondeu que tinha ido à França, à Espanha e ao Reino Unido, e antes disso tinha passado quinze dias num retiro de escritores na Itália. O retiro era num castelo no alto de um morro no meio do nada. Para um lugar que promovia a contemplação solitária, era um tanto caótico. Pertencia a uma condessa que gostava de gastar o dinheiro do finado marido para se cercar de escritores e artistas. À noite, esperava-se que você se sentasse com ela à mesa do jantar e proporcionasse uma conversa estimulante. A

condessa escolhia e convidava pessoalmente os escritores; a maioria era jovem e do sexo masculino. Na verdade, havia apenas uma outra escritora além de Linda.

“Eu sou gorda e tenho quarenta anos”, disse Linda, “e a outra era gay, então podem tirar suas próprias conclusões.”

Um dos escritores, um jovem poeta negro, fugiu no segundo dia. A condessa havia ficado particularmente orgulhosa ao capturar esse poeta; gabava-se dele para qualquer um disposto a escutar. Quando ele anunciou a intenção de ir embora, ela enlouqueceu, alternando-se entre suplicar e exigir uma explicação, mas ele não se deixou comover pela sua reação. Aquele não era o lugar certo para ele, disse. Não se sentia à vontade ali e não conseguiria trabalhar. E fez a mala e percorreu a pé os cinco quilômetros até o vilarejo para pegar um ônibus, já que a condessa se recusara a ajudá-lo chamando um táxi. Ela passou o restante das duas semanas maldizendo friamente ele e o seu trabalho para qualquer um que se dispusesse a ouvir. Do seu quarto, Linda o havia observado desaparecer pelo comprido e sinuoso acesso da casa. Ele caminhava com um passo leve, saltitante, levando a pequena mochila sobre o ombro. Ela quis muito fazer a mesma coisa, mas sabia que não podia. O motivo pelo visto era o tamanho imenso da sua mala. Além do mais, ela não tinha certeza de que teria conseguido caminhar os cinco quilômetros com seus sapatos. Em vez disso, ficara sentada no quarto cheio de antiguidades com sua linda vista para o vale e, toda vez que olhava para o relógio pensando que uma hora tivesse transcorrido, descobria que mal haviam se passado dez minutos.

“Não consegui escrever uma só palavra”, disse ela. “Não consegui nem ler. Tinha um telefone antigo em cima da escrivaninha e eu vivia querendo ligar para alguém e pedir para a pessoa ir lá me resgatar. Um dia finalmente peguei o fone e o aparelho não estava ligado — era apenas decorativo.”

O publisher deixou escapar uma risadinha breve e aguda.

“Mas por que alguém deveria ir resgatá-la?”, disse ele. “Lá estava você, sentada num castelo no lindo interior da Itália, com